

INTUIÇÃO DE ESSÊNCIAS NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Vanessa Furtado Fontana¹

Resumo

*O artigo mostra a importância de pensar o conceito de intuição de essências, expresso na obra *Idéias I* de Husserl, como bom meio à interpretação ontológica da fenomenologia transcendental. Resgata-se o significado novo desta intuição na tradição filosófica. Esta intuição modificada delimita o campo problemático das essências atingidas pela subjetividade pura. Como é possível atingir o ser? Husserl responde através do método científico de descrição direta da experiência transcendental, feito pela intuição de essências.*

***Palavras-chave:** Intuição de essências; eu puro, descrição; fenomenologia.*

INTUITION OF ESSENCES IN THE PHENOMENOLOGY OF HUSSERL

Abstract

*The article shows the importance to think the concept of intuition of essences, express in the work of Husserl *Ideen I*, as good way to a ontological interpretation of the transcendental phenomenology. It rescues the new meaning of this intuition in the philosophical tradition. This modified intuition delimits the problematic field of the essences reached for the pure subjectivity. How it is possible to reach the being? Husserl answers through the scientific method of direct description of the transcendental experience, made for the intuition of essences.*

***Key-words:** Intuition of essences; pure ego; description; phenomenology.*

¹ Mestre em filosofia moderna e contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Departamento de Filosofia, Campus de Toledo.
E-mail: vanessafontana@ig.com.br

Introdução

A palavra intuição é repleta de interpretações filosóficas e psicológicas limitadas a trata-la com certa ingenuidade e preconceito. O estigma do conceito de intuição provém de uma leitura equivocada de sua verdadeira fonte e emprego no conhecimento do mundo. A fenomenologia husserliana recupera o valor transcendental do conceito de intuição retirando desta toda carga psicológica e mística. Recoloca-se a intuição como conhecimento evidente e racional plenamente capaz de alcançar o plano ontológico fundador de todo fenômeno.

O conceito de intuição abordado na filosofia de Kant, por exemplo, está na perspectiva da fenomenologia transcendental, ainda na atitude natural, pois se trata de um modo de intuição preso aos objetos dados materialmente ou mesmo idealmente na mente psíquica. A intuição entendida como apreensão do objeto individual materialmente dado perpassa toda a história da filosofia, tornando-se preponderante principalmente no empirismo inglês. É contra toda a tradição da filosofia que Husserl formula um conceito de intuição capaz de vislumbrar além da materialidade individual do objeto, e no limite, além de qualquer forma conhecida de objetividade. A intuição de Husserl atinge a essência mesma da objetividade, as coisas mesmas. Tal intuição das essências (*Wesensschau*) é antes a descrição das estruturas do aparecer de qualquer fenômeno.

A discussão que orienta este estudo trata de entender como a fenomenologia transcendental de Husserl se orienta para uma ontologia através do conceito de intuição de essências (*Wesensschau*) apresentado principalmente na obra *Idéias para uma fenomenologia pura e filosofia fenomenológica*. Como esta intuição nos revela o ser dos fenômenos? A origem de todo ser se determina pelo sentido intrínseco da consciência através das descrições que a intuição terá para fornecer. Da ontologia husserliana constituída no campo das essências originárias decorre toda discussão concernente ao eu transcendental. Ele parte da atitude natural a fim de alcançar o âmbito transcendental e dele a ontologia. Compreende-se a importância de partir da ontologia, isto é das essências, e entender a relação delas com os principais temas da

fenomenologia. Eu puro², intencionalidade, etc. A fenomenologia culmina em uma ontologia não pela simples pretensão em resgatar o problema do ser, formulado pela primeira vez na filosofia grega, mas antes, em descrever o plano constituinte do mundo. Ricoeur menciona a interpretação de Fink, a qual afirma a diferença crucial da questão orientadora da fenomenologia de Husserl com o criticismo de Kant: “A questão de Husserl não é aquela de Kant, Kant coloca o problema da validade para uma consciência objetiva possível: isto porque ele fica no interior de um certo circuito que está ainda na atitude natural. O sujeito transcendental kantiano é ainda uma forma de mundo apriorística, um sujeito mundano, mundo imanente, se bem que formal. O verdadeiro desnivelamento do sujeito absoluto não é operado. A questão de Husserl, segundo Fink, é a questão da origem do mundo...” (p. XXVII).

O conceito de redução fenomenológica (*epoché*) não exclui totalmente o mundo efetivo de seu horizonte de pesquisa. Ora, entender o mundo implica em descrever o que aparece nele, e este é o problema crucial apontado pela fenomenologia, contudo só é possível intuir as essências do mundo se afastando completamente do mundo (mesmo que metodologicamente), ou seja, partindo para um campo transcendental. “A fenomenologia é uma filosofia que mostra a inclusão do mundo, de seu “sendo”, de seu sentido, de essências, da lógica, das matemáticas, etc. no absoluto do sujeito”(p, XXVIII). Isto demonstra como a ontologia formal está voltada para um sujeito transcendental. O campo de conexão entre as essências e os fenômenos (fatos) é o Eu puro, o eu reduzido de conteúdo objetivo.

A crítica de Heidegger à fenomenologia husserliana explicitada na obra *Meu caminho para a fenomenologia* diz: “A ‘fenomenologia pura’ é a ‘ciência básica da filosofia por ela marcada. ‘Pura’ significa: ‘fenomenologia transcendental’ é a ‘subjetividade’ do sujeito que conhece, age e valora. Ambos os títulos, ‘subjetividade’ e ‘transcendental’ indicam que a fenomenologia se encaminhava, consciente e decididamente, na esteira da tradição da Filosofia Moderna; fazia-o, não há dúvida, de al maneira, que a ‘subjetividade

² O conceito de *Eu puro* se apresenta no conjunto da obra husserliana com diversas denominações diferentes que conservam o mesmo significado, entre elas, subjetividade pura, ego transcendental, consciência pura ou transcendental.

transcendental' atinge, através da fenomenologia, uma possibilidade de determinação mais originária e universal" (p, 298). A crítica de Heidegger se coloca como um modo de pensar se a proposta husserliana de uma ontologia é possível, ou se, ela se torna deficitária por conduzir os seres, as essências à um subjetivismo um pouco mais refinado que o cartesiano. Tem-se aqui um horizonte de questões problemáticas, não se trata de uma crítica de Husserl a partir de Heidegger, mas antes de entender o campo da fenomenologia pura e sua abertura ontológica.

Desenvolvimento

O método de acesso da fenomenologia exige uma mudança radical de atitude. Esta significa uma modificação no modo de se dirigir aos fenômenos. O mundo espaço-temporal é regido por leis de causalidade que resultam na contingência dos fatos. O mundo limitado pela visão objetual é denominado natural. Nele, incluem-se também as ciências positivas. Contudo, tal âmbito natural, aparentemente alto suficiente, é dependente do plano das essências puras, isto é, do campo da consciência transcendental. "Por seu sentido, tudo isso que é contingente implica precisamente na posse de uma essência, e, pois, na posse de um *eidós*, que importa atingir em sua pureza, e que por sua vez se subordina a verdades de essência de diferentes graus de generalidade" (HUSSERL, 1950, p. 17). A relação de toda realidade natural à generalidade eidética implica dizer que todo objeto individual possui em sua constituição uma especificidade (*Eigenart*), ou seja, seu feixe permanente de predicados essenciais ou necessários.

As essências são estudadas de um modo intuitivo. Esta intuição não contradiz o caráter científico da fenomenologia transcendental, ao contrário, ela é a visão intelectual (*Einsicht*) perfeitamente clara das estruturas possibilitadoras de mundo. O método descritivo da fenomenologia permite resgatar o conceito de intuição como o fundamento da evidência originária, ou seja, a intuição de essências faz ver a verdade última dos fenômenos.

O conceito da intuição de essências retoma a origem da palavra *essência*, a qual designava o *Quid* (o que é), o íntimo de um ser individual. Husserl tem por intuito introduzir este *Quid* na idéia ou essência, ou seja, ao invés de se perguntar o que é de um ente

individual a fenomenologia investiga o que é no plano eidético ou essencial. Há na fenomenologia a possibilidade da intuição empírica (*erfahrende*) ou intuição do indivíduo *ser convertida em visão de essência* (*Wesens-Schauung*), em ideação. Tal possibilidade de conversão deve ser entendida não empiricamente, mas no próprio plano das essências. O termo *visão* corresponde à essência pura ou *eidos*.

O termo *visão* caracteriza o modo de conhecimento das essências. Trata-se de um mostrar as essências, as estruturas de significação do mundo. Esta é uma *visão imediata*, não a sensível ou empírica, mas a *visão em geral* como consciência doadora originária sob todas as suas formas, que é a última fonte de direito para toda afirmação racional. Esta *visão* é intelectual (*Einsicht*) e não deve ser confundida com a mera percepção sensorial. A *visão intelectual*, a evidência é um processo irreduzível; por seu núcleo é a unidade que forma uma posição racional. Para designar toda tese racional usa-se “evidência originária”. A chamada fenomenologia da razão é aquela envolvida com o problema da realidade e sua legitimação racional na consciência pura. O método da *visão* orienta os estudos das essências dos vividos puros. Este ver é um ato doar originário. Explicado como a primeira forma fundamental da consciência racional. Esta consciência racional difere de uma consciência de memória, pois a imagem da paisagem não é captada de modo originário. A *visão intelectual*, a evidência, é uma consciência posicional dóxica, isto é, uma consciência doadora adequada.

O modo da evidência da consciência tem uma superioridade racional frente à consciência obscura e o sentido noemático. O sentido pode ser preenchido e atingido pela consciência sob o modo intuitivo. Dentre os modos de preenchimento do vivido a intuição doadora originária é mais completa. O sentido da paisagem numa *consciência de memória* é preenchido de modo perceptivo. A *visão intelectual* ou evidência é a unidade formadora da posição racional. O caráter racional é acrescido ao posicional. Este se funda sobre um sentido preenchido, ou seja, um sentido doador originário. A posição encontra no dado originário seu fundamento de validade. A posição de essência ou estado de coisa eidética pertence ao sentido no modo de dado do noema. A evidência não se concilia com o modo de dado. Na certeza da crença a posição é evidente, mas isso não ocorre com todas as posições dóxicas, que pode ser cega acarretando numa falta

de evidência. O preenchimento (*Erfüllung*) designa o *preenchimento da intenção*, o qual constitui um modo particular de sentido, e designa também a propriedade deste sentido de receber em si um pleno que forma uma motivação racional.

Husserl distingue evidência apodítica e assertórica e reservar a palavra visão intelectual à apoditicidade. O ver assertórico sobre qualquer coisa individual distingue-se essencialmente de um ver apodítico de visão intelectual de uma essência ou estado de coisa eidética. A evidência e a visão intelectual são postas no mesmo sentido da visão intelectual apodítica. Ela é capaz de apresentar a essência em sua forma originária, ou seja, em sua possibilidade original. Tal visão pode ser adequada ou inadequada, perfeita ou imperfeita, sem que estas diferenças atinjam o maior ou menor grau de clareza e distinção. Certas categorias de essências implicam que as essências desta ordem só podem ser dadas ou sob um aspecto, ou sob vários aspectos simultaneamente, mas nunca sob todos os aspectos; correlativamente, as ramificações individuais correspondentes a tais essências só podem ser experimentadas sob intuições empíricas inadequadas ou unilaterais. Isto quer dizer que há vários graus de adequação das essências, e esta hierarquia de adequação permite à fenomenologia incluir em si todos os modos de realidades naturais, fazendo com que nenhum fenômeno, efetivado ou não, perfeito ou não, fique sem seu referente essencial. Esta é a regra para toda essência concernente às coisas (*Dingen*) e para todas as realidades em geral, incluindo todos os componentes eidéticos da extensão ou da materialidade, e também diferentes tipos de inadequação.

Deve-se salientar que cada objeto individual tem seu próprio modo de ser visado e, portanto, é formado por um conjunto de relações essenciais distintas. Por exemplo, a coisa física em sua forma espacial só pode se dar em meros esboços ou visadas (*Abschattungen*) unilaterais, pois as propriedades físicas nos enredam no infinito da experiência. Este campo da experiência implica possibilidades de determinações cada vez mais novas e mais precisas da coisa, assim ao infinito. Mas a infinitude das visadas da coisa empírica não interfere na possibilidade sempre presente da conversão ao campo transcendental. Logo, qualquer que seja o tipo ao qual pertença a intuição do indivíduo, que ela seja adequada ou não, ela pode converter-se em visão de essência. Tal visão, adequada

ou inadequada, ambas tem o caráter de um ato doador.

A visão adequada (pura) ou inadequada (impura) depende do dado adequado ou inadequado. A percepção da coisa forma uma aparência corporal não intuitiva que não é imperfeita, mas é racional. O que aparece da coisa é o correlato do sentido da coisa e não ela mesma. A coisa deve ser adequada, se ela for uma aparência doadora inadequada ela não poderá ser definida. Toda região e categoria de objetos correspondem a um tipo de consciência doadora originária motivada por um dado originário. A evidência adequada é pré-figurada *a priori*. Ela é perfeita.

O que ocorre na intuição do plano natural, ou seja, sua relação a um objeto, também diz respeito à intuição do plano transcendental, com a diferença radical de atitude concernente à fenomenologia. Assim, a intuição empírica é a consciência do objeto individual. Por seu caráter intuitivo ela torna o objeto um dado, por seu caráter perceptivo ela torna esse dado originário, apresentando o objeto em sua *ipseidade* corporal (*leibhaftigen Selbstheit*). Também a intuição de essência é a consciência de um objeto, de algo a que se dirige a visada da intuição e que é dado em pessoa (*Selbstgegeben*) nessa intuição. Mas tal objeto pode ainda ser representado em outros atos, pensado de maneira vaga ou distinta, tomado por sujeito em juízos predicativos verdadeiros ou falsos, etc. Tudo que pode ser objeto tem precisamente uma maneira própria de encontrar, antes de todo pensamento predicativo, a visada da representação, da intuição, que o atinge eventualmente em sua ipseidade corporal. A visão de essência é uma intuição e não apenas uma vaga presentificação (*Vergegenwärtigung*), ela é uma intuição doadora originária que capta a essência em sua ipseidade corporal.

Husserl afirma uma relação intrínseca entre mundo real e possível. Esta correlação é necessária e demonstra a preocupação husserliana em descrever o mundo, mas com a restrição inicial de um afastamento, ou melhor, de uma modificação produzida pelo colocar entre parênteses o natural. Interpreta-se de forma errada o método da epoché proposto por Husserl. Tal método não refuta a intuição empírica, aquela do mundo científico positivo ou mesmo da vida cotidiana. A fenomenologia não destrói outros modos de intuição, apenas é dado as intuições e objetos um fundamento que antes não possuíam, uma base sólida para que existam verdadeiramente. Ao dizer que uma essência é um novo objeto e a

intuição eidética, uma nova intuição. Isto significa a mudança de orientação do sujeito ao nível transcendental. "A essência (*Eidos*) é um objeto (*Gegenstand*) de um novo tipo. Tal como na intuição do indivíduo ou intuição empírica o dado é um objeto individual, o dado da intuição eidética é uma essência pura" (HUSSERL, 1950, p. 21). Não se trata aqui de uma mera analogia extrínseca, mas sim de uma comunidade radical. O mundo natural depende necessariamente de um mundo transcendental fundante, e para entender e estudar sistematicamente o que ocorre neste mundo real é preciso se distanciar (mesmo que seja um distanciamento aparente) dele e voltar-se para seu plano-base, ou seja, para seu campo originário, o plano das essências.

A semelhança dos conceitos deve ser entendida como uma relação de dependência, do natural ao transcendental, ou ainda que todo conhecimento e temas existentes no mundo natural entram na fenomenologia com a diferença da direção do olhar. Neste sentido, a intuição das essências é uma intuição e o objeto eidético também é um objeto. A generalização dos conceitos solidários e correlativos de intuição e de objeto não é arbitrária, mas exigida pela natureza das coisas.

Husserl critica várias correntes filosóficas, tais como o empirismo, o idealismo, e o ceticismo; todos estes pensamentos estão presos a uma cegueira às idéias que é um modo de cegueira espiritual, decorrente da incapacidade em transferir ao campo da intuição o que se encontra no campo do juízo. Todos vêem idéias, essências; todos as usam nas operações do pensamento e produzem também juízos sobre essências, embora as encubram sob os pontos de vista das teorias. Algumas destas correntes declaram que as idéias ou essências são conceitos, que estes são *construções psíquicas, produtos da abstração*. Contudo, os conceitos de essência e idéia são considerados termos filosóficos nobres demais para designar fatos psíquicos prosaicos.

Para Husserl é correto dizer que as essências são *conceito*. Só que as expressões produtos psíquicos e construção de conceitos são contra-sensos. Por exemplo, os números não decorrem da atividade psíquica nem da operação conceitual, sendo autônomos em relação a qualquer representação numérica estrita, intemporais e anteriores a toda teoria.

A fundamentação fenomenológica admite a intuição do indivíduo como ponto de partida da intuição de essências. Neste caso um indivíduo aparece, e este aparecimento dá a possibilidade de um indivíduo se relacionar com uma essência. Mas tal indivíduo não é apreendido ou posto como realidade. Apenas deve ocorrer a livre possibilidade de se voltar a um indivíduo correspondente, enquanto ilustração. Todavia, não há intuição de indivíduo sem operar-se livremente a ideação. Apesar dessa complementaridade, a intuição de essência e a intuição individual são por princípio diferentes. Às diferenças eidéticas entre estes dois tipos de intuição conformam-se as relações eidéticas mútuas entre a existência (*Existenz*) e a essência (*Essenz*). Para a fenomenologia é importante esta relação entre existência e essência, pois ela demonstra a relevância em se voltar ao campo originário, ou seja, que tal retomada em um fio condutor teórico capaz de eliminar as concepções místicas dos conceitos de *eidos* e de essência.

A fenomenologia transcendental re-elabora o tema da imaginação. A imaginação não é aqui uma faculdade determinada, ou seja, não está delimitada na consciência pura. Mas ela permite atingir as essências, pois goza de uma liberdade maior se comparada à experiência natural empírica. Ela possui uma posição privilegiada. Ao se partir dela é mais fácil atingir a pureza das essências. Um *eidos* pode ser captado por intuições decorrentes dos dados da experiência, (percepção, memória, etc), mas também dos simples dados da imaginação (*Phantasie*). Para atingir uma essência em pessoa ou de modo originário pode-se partir tanto de uma intuição empírica correspondente como de uma intuição puramente fictícia (*bloss einbildenden*), quer dizer, sem nenhuma relação com a experiência sensível. A partir dos atos imaginativos, por meio da ideação, podem obter-se essências, até mesmo de caráter adequado. Estas essências podem ser mais gerais ou particulares, dependendo dos dados vindos da imaginação. Para que uma essência deste gênero seja compreendida como tal no campo ideativo não importa que ela seja efetivada ou não na experiência atual. Se uma essência provier de um dado novo forjado pela imaginação, o qual não é e nunca será apresentado na experiência, ainda assim a essência correspondente a este dado se dá de modo originário.

Não é verdadeiro e evidente que os conceitos ou as essências procedem, via abstração, de intuições individuais? Não se constroem livremente conceitos a partir de conceitos já formados? Não há dúvida que tanto a construção de conceitos quanto as ficções livres são operações livres e produtos do espírito. O exemplo do centauro tocador de flauta imaginado pertence ao próprio vivido. Mas não se deve confundir o vivido da ficção com o objeto que é fingido enquanto objeto fingido. Similarmente, no ato espontâneo de abstrair, não é a essência, mas a consciência de essência que é um produto do espírito. É manifesto do ponto de vista eidético que a consciência doadora originária de uma essência (ideação) é em si mesma e necessariamente espontânea: ao contrário, a espontaneidade é estranha à essência da consciência que dá objetos sensíveis, à essência da consciência empírica: o objeto individual pode aparecer, pode-se ter consciência dele enquanto apreendido, mas sem que uma atividade espontânea seja dirigida sobre ele. Não se pode, portanto, identificar a consciência de essência e a essência.

Todos os tipos principais de percepções e de presentificações estão com o prestígio de dado originário, estas são todas as ilustrações de ordem perceptiva. Também a liberdade na investigação das essências exige operar sob o plano da imaginação. Importa exercer abundantemente a imaginação para atingir a clarificação perfeita exigida aqui. Pode-se retirar uma parte dos exemplos fornecidos pela história e, numa medida mais ampla, pela arte e em particular pela poesia, suas ficções possuem a originalidade nas invenções das formas, a riqueza dos detalhes lhes permitem transpor-se com particular facilidade nas imagens perfeitamente claras que se atingiu e compreendeu.

O paralelismo com a consciência imaginativa poderia nos levar a um escrúpulo no tocante à existência das essências: a essência não é uma ficção, como querem os céticos? O paralelismo entre consciência imaginativa e as essências compromete a existência das essências. De algo se pode ter uma percepção, uma lembrança, pode-se ter consciência dela como efetiva, duvidosa, nula, em suspenso, etc. Ocorre o mesmo com as essências: elas podem ser, como os outros objetos, visadas corretamente, falsamente, etc. Mas a apreensão e intuição de essências são um ato multiforme. A intuição de essências é um ato doador originário, análogo à percepção sensível, e não à ficção.

A essência em geral do atingir eidético imediato e intuitivo pode ser operada sobre a base de simples presentificações, por exemplo, a imaginação. A presentificação pode ter uma clareza tão perfeita que torna possível uma atingir e uma compreensão perfeita das essências. A percepção doadora originária tem uma vantagem sobre todas as outras: ela tem o privilégio de um ato fundamental da experiência aplicada a constatar a existência, mas ela guarda sua superioridade quando submetida à constatação fenomenológica das essências. A percepção externa dispensa a clareza perfeita aos objetos aceitos como dados sob modo original. Mas ela oferece, com a colaboração da reflexão, claros e solidários exemplos individuais que se apóiam nas análises eidéticas gerais de estilo fenomenológico. A percepção externa não se dissipa pela reflexão, pode-se estudar as essências dos componentes e correlatos eidéticos sem se esforçar para instaurar a clareza.

O geômetra recorre mais à imaginação que à percepção. Ele usa a imaginação para estender-se até às intuições claras. No plano da imaginação ele tem liberdade para mudar as figuras fictícias e forjar uma infinidade de novas figuras, esta liberdade dá acesso ao campo das possibilidades eidéticas e aos conhecimentos eidéticos infinitos. Segue-se assim as construções da imaginação e o pensamento eideticamente puro que se elabora sobre o fundamento da imaginação. A fenomenologia dos vividos submetidos à redução fenomenológica é semelhante, sobre ela as configurações eidéticas são de número infinito.

Husserl afirma que “a *ficção* constitui o elemento vital da fenomenologia como de todas as ciências eidéticas; a ficção é a fonte onde se alimenta o conhecimento das *verdades eternas*”. (Husserl, 1950, p, 227). A intuição de essências não é um ato fictício como querem provar os céticos ao tentar refutar o idealismo. Contudo, pela ficção é mais fácil alcançar uma essência evidente.

Na fenomenologia pura não importa a existência ou não de um ser individual. Ela é totalmente independente de qualquer posição natural. A posição e a apreensão da essência não implica em nenhum grau a posição de uma existência individual qualquer. As verdades puras concernentes às essências não implicam em nenhuma asserção concernente aos fatos, fazendo com que o conhecimento das essências seja independente do conhecimento dos fatos. Assim como as verdades dos fatos não podem ser derivadas somente das verdades

das essências. Todo pensamento ou enunciado relativo ao fato requer, para sua validade, uma experiência. Todo pensamento sobre as essências, para ser válido no campo ideativo, requer por fundamento a intuição de essências.

Husserl instaura sob o conceito de intuição de essências o princípio dos princípios capaz de validar toda ciência eidética: “toda intuição doadora originária é uma fonte de direito para o conhecimento; tudo que se oferece na intuição de modo originário (em sua realidade corporal) deve ser recebido simplesmente como se dá, sem ultrapassar os limites nos quais ele se dá” (HUSSERL, 1950, p. 78). Neste sentido, Husserl pretende que toda ciência eidética, e principalmente a fenomenologia, só possam tirar sua verdade de dados originários. Trata-se aqui de ciências descritivas, ou seja, do caráter descritivo que devem ter as ciências eidéticas. É importante ressaltar que o método descritivo da fenomenologia se afasta completamente das ciências naturais que tem por método colocar e julgar os seus objetos de estudo. O sujeito empírico nada pode pôr no campo transcendental, cabe a este descrever as estruturas das conexões essenciais que se põem pelo eu puro antes de toda objetivação. Este modo descritivo demanda que todo enunciado proposto por qualquer ciência eidética deva se limitar a expressar estes dados, através de uma simples explicitação e significações que lhes sejam exatamente ajustadas. Trata-se de um conhecimento absoluto que serve de fundamento, de *principium*.

Entre um fato e uma essência há uma relação eidética necessária que movimenta a relação mais geral entre mundo da aparência e mundo das essências. A relação eidética entre um objeto individual determinado e sua essência implica que todo objeto individual possui um fundamento (*Bestand*) eidético, ou seja, sua essência pura. E a toda essência corresponde uma série de indivíduos possíveis que são sua individuação contingente. Esta relação orienta as relações mútuas correspondentes entre as ciências do fato e as ciências da essência. Todo conhecimento natural deve ser transportado de forma modificada para o âmbito da possibilidade pura. Assim, toda ciência natural passa a existir no conhecimento fenomenológico enquanto ontologia, que pode ser formal ou regional.

Toda objetividade concreta de caráter empírico e sua essência material se integram a um gênero (*Gattung*) material supremo, a

uma região (*Region*) de objetos empíricos. À essência regional pura corresponde uma ciência eidética regional ou uma ontologia regional. Toda ciência empírica mantém relações essenciais com as disciplinas ontológicas, sejam elas formais ou regionais. Isto quer dizer que toda ciência de fatos encontra nas ontologias eidéticas fundamentos teóricos essenciais. Tais conhecimentos dependem, de um lado, da forma pura da objetividade em geral; de outro, do *eidos* da região. Este *eidos* representa uma forma básica necessária para todos os objetos da região.

Cabe averiguar se as ontologias formais e materiais são iguais e conseqüentemente se um objeto em geral é igual à essência regional. No que tange às essências, existem as essências materiais, que num certo sentido são as essências autênticas; e de outro lado existe algo de caráter eidético, mas de natureza diferente: uma pura essência vazia. Esta contém todas as essências possíveis sob sua dependência, inclusive os universais materiais de maior grau, prescrevendo-lhes leis mediante as verdades formais que ela implica. A região formal não é coordenada às regiões materiais, mas é a forma vazia de região em geral. Todas as regiões e suas particularizações eidéticas de ordem material são postas sob aquelas em sentido formal. Esta subordinação do material ao formal resulta de que a ontologia formal contém simultaneamente as formas de todas as ontologias materiais possíveis e lhes prescreve uma legislação formal comum.

Toda essência, material ou vazia (puramente lógica), está numa escala de generalidade e especialidade que tem dois limites nunca coincidentes. O gênero supremo é aquele acima do qual não há mais gênero. As relações eidéticas entre espécie e gênero implicam que na essência mais particular, a mais geral seja mediata ou imediatamente contida, pertença que só pode ser captada em sua originalidade própria pela intuição eidética. Deve-se distinguir as relações de generalização ou de especificação e as relações essencialmente diferentes que elevam ao geral e as que elevam ao formal. Não se deve confundir a subordinação de uma essência à generalidade formal de uma essência puramente lógica e aquela de uma essência a seus gêneros eidéticos de grau superior. Por exemplo: a essência do triângulo é subordinada ao gênero supremo da forma espacial, a essência do vermelho ao gênero supremo da qualidade sensível. De outro modo, o vermelho, o triângulo e todas as essências (heterogêneas e homogêneas) são colocadas numa mesma categoria,

a categoria de essência, que não representa em relação a elas um gênero eidético. É preciso ver em todas as categorias da ontologia formal singularidades eidéticas que têm por gênero supremo a essência de categoria em geral da ontologia formal.

A intuição de essências verifica a oposição entre gênero supremo e gênero de significação. Ela nos ensina que as essências lógico-formais (categorias) não residem nos casos particulares de ordem material saídos da individuação, como o vermelho considerado em sua generalidade reside nas diversas essências de vermelho, ou a cor no vermelho ou no azul. As essências não estão em casos particulares.

Não se deve confundir a subsunção de um indivíduo sob uma essência, com a subordinação de uma essência à espécie que lhe é superior ou a um gênero. Toda essência, que não é uma diferença última, tem uma extensão eidética que cobre um campo de espécies ou de singularidades eidéticas. A expressão *extensão empírica* indica que a essência se limita a uma esfera de existência (*Dasein*), fazendo intervir uma posição de existência que retira à essência sua generalidade pura. Todo dito sobre essências se transpõe aos conceitos como significações.

Na ordem material as essências-substratos ou são essências que se fundam uma com outra e formam uma única, ou não realizam esta unidade. Uma essência dependente chama-se um abstrato, uma essência independente chama-se um concreto. O concreto é uma singularidade eidética, pois as espécies e os gêneros são dependentes. As singularidades eidéticas se dividem em abstratas e concretas. Um *isto* cuja essência material é um concreto chama-se indivíduo. O indivíduo é o objeto primeiro, o proto-objeto (*Urgegenstand*) que exige o absoluto lógico ao qual remetem todas as derivações lógicas. Toda singularidade ligada a algo concreto, quando considerada como diferença, conduz a um sistema separado de espécies e gêneros e assim a gêneros supremos separados. Isto resulta numa divisão fundamental dos gêneros: os que têm sob si concretos, e os que têm sob si abstratos. O termo concreto não pode ser entendido no sentido primitivo, mas onde a exatidão o exige. Gêneros concretos: a coisa real, o fantasma visual, o vivido, etc. Gêneros abstratos: a forma espacial, a qualidade visível, etc.

Toda essência regional determina verdades eidéticas sintéticas, ou seja, verdades de essência genérica, e que não são

formas particulares de verdades empregadas na ontologia formal. O conjunto das verdades sintéticas que têm seu fundamento na essência regional, forma o conteúdo da ontologia regional.

A fenomenologia é definida por Husserl como uma teoria descritiva das essências dos vividos transcendentemente puros no quadro da atitude fenomenológica. A questão é saber se a fenomenologia pode instaurar descrições verdadeiramente científicas. Ela abarca tudo o que nos vividos reduzidos pode ser atingido de modo eidético numa intuição pura. Os conhecimentos desta devem ser descritivos e rigorosamente adaptados à esfera inanente, os procedimentos não intuitivos não são mais que uma significação de método, aquela que conduz a um encontro das coisas que uma visão direta da essência deve posteriormente transformar em dado. É uma visão efetiva das relações entre essências que deve habitar as conjecturas. Por natureza o atingir geral das essências, sua análise e descrição implicam os resultados obtidos nos graus mais elevados e não estão numa dependência que falta recorrer metodologicamente a um procedimento indutivo sistemático. O método das ciências *a priori*, exatas não é modelo para a fenomenologia transcendental. Esta, como ciência descritiva das essências, pertence a uma classe fundamental das ciências eidéticas que difere totalmente das ciências matemáticas.

A fenomenologia faz constatações eidéticas sobre os vividos não refletidos; é a condição de princípio de sua possibilidade, ela os deve à *reflexão, à intuição reflexiva das essências*. Os fenômenos da reflexão são uma esfera de dados puros e claros. É somente por meio de reflexões deste gênero que se pode conhecer qualquer coisa como uma consciência e um conteúdo de consciência, no sentido real ou intencional.

Conclusão

A fenomenologia tem como princípio a intuição de essências (*Wesensschau*). Esta realiza a evidência originária das estruturas semânticas instauradoras de mundo. Ela outorga um estatuto de ciência absoluta à fenomenologia, pois permite ver e descrever de modo racional as essências do plano transcendental. Estas se encontram tanto no pólo subjetivo (Noese) quanto no pólo objetivo (Noema) da consciência como elemento (Eidos) permanente dos

vividos. O conceito de intuição de essências é racional e científico, ou seja, não se assemelha a velha idéia depreciativa, a qual, entendia a intuição como fonte do conhecimento empírico limitado, ou até mesmo místico. A tradição filosófica deteve-se em delimitar a intuição como modo de conhecer do mundo da aparência, opondo à abstração e a razão, como únicos meios válidos ao alcance da verdade metafísica. Distante do misticismo e do empirismo; "A intuição, segundo Husserl, é o caminho do pensamento à verdade, caminho que está na base de tudo que se queria empreender para justificar a intuição mesma" (LEVINAS, 1984, p. 138). O papel da intuição no esquema fenomenológico é visto por Levinas como o meio de atingir o plano ontológico. A intuição atinge o sentido produzido pelo correlato intencional no campo da consciência pura.

A intuição de essências é o critério da verdade absoluta que orienta o campo da pura possibilidade, isto é, a intuição afirma a verdade última do mundo e dos vividos. A fenomenologia direciona-se ao campo ontológico, entendendo este não como realidade estática, mas como campo produtor das estruturas de sentido, as essências. A intuição de essências dá o sentido verdadeiro e racional de toda forma fenomênica real ou ideal. Tal conceito demonstra a preocupação husserliana com a questão dos modos de ser e não-ser da consciência dos vividos puros formadores da corrente do ego transcendental. As questões acerca do ser dos vividos, de sua verdade ou não, são respondidas pela intuitividade da descrição essencial. O eu puro reconhece a unidade de seus atos e o elemento invariante que neles permanece, através de um olhar intuitivo em direção destas essências. É a visão intelectual e evidente, ou seja, intuitiva, que permite a Husserl elaborar uma total universalização da experiência transcendental, e conseqüentemente instaurar as bases sólidas da fenomenologia transcendental.

Referências

- FINK, Eugen. **De la phénoménologie**. Paris: Minuit, 1974.
- HEIDEGGER, Martin. Meu caminho para a fenomenologia. In: **Os pensadores**. Heidegger – conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Página 295-302.
- HUSSERL, Edmund. **Idées directrices pour une phénoménologie**. Paris: Gallimard, 1950.
- HUSSERL, Edmund. **Méditations cartésiennes** – Introduction à la phénoménologie. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1992.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl**. Paris: Vrin, 1984.

Recebido: 08/11/2006

Aprovado: 29/03/2007